



*Pranto Secura*  
*por Carlos Pereira, 2024*

## Autopsia em mi bemol

Eu tenho pena de mim, não tenho com quem conversar, por mais que tivesse, não conseguiria  
comunicar,  
Ainda que os espelhos respondessem,  
Ainda que o entendimento tivesse provas,  
Ainda que o amor tivesse encaixe,  
Eu sou avulsa, né assim?  
E ainda vulgar,  
Os milagres pararam de acontecer,  
Medo, medo, medo,  
Nunca tive intenção de ser feliz, desde muito cedo,  
Curo minhas feridas com as lágrimas que elas causaram,  
E cuspe,  
Falo mais do que devo,  
Amo mais que meu corpo aguenta,  
Espero mais que a cadeira,  
Confio mais que o aperto de mão,  
Aposto sangue, me corto sem faca, me cortam, menstruo, escorro,  
Estou desmanchando, quem não?  
É aqui que vou despejar, as pessoas são pessoas, e não é de gente que eu preciso agora,  
Tampoco busco as velhas receitas do brilho miraculoso,  
Não funciona mais,  
E eu tenho pena de mim, ainda,  
Beleza não gasta, quem desgasta é a gente,  
E entre ecos e ruídos, tudo vira pó,  
Tudo só,  
Ontem senti medo,  
Não havia passagem, sendo eu a única passageira,  
Permaneci,  
Era o medo menor que o meu sentimento do próprio medo?  
Não deixou de ser grande, não deixou de acontecer, mas me deixou,  
E permanece,  
Tenho pena de mim,  
Tenho pena do Beethoven, tenho medo da solidão silenciosa dele, tenho orgulho de ele ter  
falado na nona,  
Tenho medo de morrer, caso contrário, partia para outra viagem,  
Tenho medo da dor, mas mais do que isso,  
Tenho medo do que posso ouvir,  
No final, os sons derradeiros,  
Não queria que fossem palavras, ainda que entoasse o coro e a nona se tornasse o mundo,

Ainda que alguém me dissesse: o mundo é a nona, seria gente,  
Não é de gente que eu preciso nesse momento,  
Sem ritmo, agora, aceito as quebras,  
Me doem os ossos, me caem os dentes, me rasga a carne,  
Meu corpo está inteiro,  
Minhas feridas sangram, mas gente morre sem sangrar, com tiros também,  
Não é de gente que eu preciso agora,  
Não posso salvar ninguém,  
Para mim, nunca houve salvação,  
Quebra,  
Tudo vira pó,  
Estou derretendo, desmanchando,  
Meu corpo está inteiro,  
Ybytu,  
Vento, largo e frio,  
Meu corpo está inteiro,  
O vento que atravessa as trompas e grita, nota que insiste em si,  
E eu, tenho dó,  
Tenho dor,  
Se a pena não voa, o vento é mais pesado que ela?  
Encher os pulmões também é percorrer distâncias,  
E a nona segue linda,  
Toda nota fala, na melodia, exata, do que precisa ser dito,  
E meu corpo está inteiro,  
Não tive forças para levantar minha voz,  
Há quebras,  
Olhei para o chão, e estava em lá,  
Estava, minha voz em cacos, pedaços,  
Desde que o copo d'água escorreu das mãos,  
Quebras,  
Fragmentos, mi, em cacos,  
Problemas com limites e território vasto,  
Aonde a vista se perde, a imaginação alcança,  
Estou transbordando, ainda que haja farpas nas cercas,  
Enquanto vomito a civilização,  
Desde quinta sou navalha,  
Desde de quando o corte é pra dentro?  
Sangro sem me cortar,  
Minha voz está estilhaçada,  
Meu corpo está inteiro.

Virgínia Tapuia



*Me fez em pedaços / ainda guardo as ilusões secas  
por Carlos Pereira, 2024*